

Apresentação a Sobre o gosto de J.-J. Rousseau

Fabio Stieltjes Yasoshima¹

Os fragmentos cuja tradução ora se apresenta encontram-se no tomo V das Obras Completas de Jean-Jacques Rousseau, editadas sob a direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond². Apenas um fragmento fora publicado no tomo IV.³ No tomo seguinte, os editores optaram por reapresentá-lo, desta vez precedido de outro excerto. Em nota sobre o estabelecimento do texto, Gagnebin menciona ainda a edição dos escritos políticos de Rousseau, publicada em 1915 por C. E. Vaughan, na qual já figuravam os dois fragmentos em questão.⁴

Sobre a data em que foram escritos os excertos, Michel Launay indica os anos 1759 e 1761 como possível período de composição do segundo fragmento.⁵ Como se sabe, o início e o final deste mesmo período coincidem, respectivamente, com o fim da primeira versão do *Emílio* e a publicação de seu manuscrito definitivo.⁶ A datação proposta por Launay, portanto, coaduna-se perfeitamente com o comentário exposto em uma nota à edição de Gagnebin e Raymond, na qual o segundo fragmento é apresentado como um “primeiro estado do desenvolvimento” do quarto livro do *Emílio*.⁷

Aos dois excertos foi relacionado, ainda, um discurso sobre as riquezas que Rousseau terminaria por abandonar. Para Gagnebin, da reflexão de Rous-

1 Mestrando no Departamento de Filosofia da USP (sob a orientação do Prof. Dr. Franklin de Mattos), tem como projeto a tradução do *Dicionário de música* de Rousseau. Email: fabioyasoshima@hotmail.com

2 ROUSSEAU, *Oeuvres complètes*, t. V., 1995, p. 482-483.

3 Trata-se aqui do segundo fragmento, que começa com a frase: “No entanto, é preciso confessar [...]”; e continua até: “[...] Comece a ter gosto e tu fruirás”.

4 GAGNEBIN, *Introductions*, p. CCXXXV.

5 ROUSSEAU, *Oeuvres complètes*, t. II, 1971, p. 509, n. 333.

6 LAUNAY, *Chronologie*, p. 7.

7 A referida nota é de Pierre Burgelin. Cf. ROUSSEAU, *Oeuvres complètes*, t. IV, 1995, p. 1705 n. 1.

seu sobre as riquezas, que se encontra neste discurso inacabado, os fragmentos sobre o gosto também seriam um prolongamento.⁸

Referências bibliográficas

GAGNEBIN, B. Introductions. In: ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. T. V. Paris: Gallimard, 1995. (Bibliothèque de la Pléiade).

LAUNAY, M. Chronologie. In: ROUSSEAU, J.-J. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. T. IV. Paris: Gallimard, 1969. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. *Œuvres complètes*. T. V. Paris: Gallimard, 1995. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. *Œuvres complètes*. Introd., apresentação e notas Michel Launay. T. II. Paris: Éditions du Seuil, 1971. (L'Intégrale).

⁸ GAGNEBIN, *Introductions*, p. CCXXXV.

Sobre o gosto

Jean-Jacques Rousseau
(Tradução de Fabio Stieltjes Yasoshima)

Pois, como o gosto é pouco suscetível de demonstração, se existe apenas um que seja o bom e que cada qual acredita possuir, somente ao compararmos todos é que podemos nos assegurar daquele que merece a preferência. A opinião presunçosa que temos sobre o nosso, assim como aquela que cada nação tem do seu, não é senão um preconceito que se tornará um argumento apenas em favor daquele que melhor tiver sustentado o paralelo...

...reconduzi-lo à perfeição.

No entanto, é preciso confessar que a importância que damos ao bom gosto já é um sinal seguro de sua depravação. Nunca falamos tanto de gosto ou de virtude como nos tempos em que menos [o] possuímos⁹. Em toda parte em que reinam verdadeiramente um e outro a sensação é encoberta pelo hábito; são seguidos, amados e sobre eles nada se fala. A íntima ligação entre o gosto e os costumes não pode escapar àquele que nela refletir por um momento. A inconsequência de agir constantemente contra os seus próprios juízos não é inerente ao homem. O belo abstrato não é absolutamente nada. Nada é belo senão por relações de conveniência; e o homem, que tem apenas a si mesmo como medida destas relações, julga somente a partir de seus afetos.

O homem não faz nada belo a não ser por imitação. Todos os verdadeiros modelos do gosto estão na natureza. Quanto mais nos afastamos do mestre, tanto mais nossos quadros são desfigurados. É dos objetos que amamos que tomamos então nossos modelos; e o belo, que tem por regra somente as nossas fantasias, sujeito ao capricho e à autoridade, reduz-se ao que agrada àqueles que nos guiam.

Aqueles que nos guiam são os artistas, os grandes, os ricos; e o que os guia é a sua vaidade. É assim que o luxo [à moda]¹⁰ estabelece seu

⁹ O complemento entre colchetes aparece no texto estabelecido por Bernard Gagnebin.

¹⁰ Locução riscada por Rousseau, conforme a indicação que aparece nas notas e variantes do texto estabelecido por Bernard Gagnebin. Cf. GAGNEBIN, B. *Notes et variantes*. In: ROUSSEAU, J.-J. *Oeuvres complètes*, t. V., 1995, p. 1620.

império e faz com que se ame o que é difícil e custoso. Neste caso, longe de imitar a natureza, o pretense belo apenas se mostra enquanto tal à força de contrariá-la. Como estas maneiras de ver deixariam algo sadio nos afetos dos cidadãos? Isto bastaria para fazer com que os melhores dentre os homens se tornassem os mais corrompidos. Neste caso, o preconceito, que deve seu nascimento aos nossos vícios, leva-os ao cúmulo, restitui-lhes mais força do que deles obtém; e é por causa dele que, de tanto ser velhaco, não se pode mais ser um homem honesto.

É menos o luxo da molícia que nos desencaminha que o luxo da vaidade. Este luxo, que não resulta em benefício de ninguém, é o verdadeiro flagelo da sociedade. É ele que traz a miséria e a morte nos campos. É ele que devasta a Terra e faz perecer o gênero humano.

Vem, faustoso imbecil, que só encontras prazer na opinião alheia! Que eu te ensino a prová-lo por ti mesmo! Sê voluptuoso! Não sejas vão! Aprende a agradar teus sentidos, rica besta! Comece a ter gosto e tu fruirás.